

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ÍCARO OLIVEIRA TEIXEIRA

**Do Pique do Jogador ao Repique do Samba: Uma Narrativa dos Territórios de Um
Jovem Negro**

Porto Alegre
2022

ÍCARO OLIVEIRA TEIXEIRA

Do Pique do Jogador ao Repique do Samba: Uma Narrativa dos Territórios de Um Jovem Negro

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Psicólogo.

Orientador: Prof. Dr. Luis Artur Costa

Porto Alegre
2022

Nome: Ícaro Oliveira Teixeira

Título: Do Pique do Jogador ao Repique do Samba: Uma Narrativa dos Territórios de Um Jovem Negro

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Psicóloga.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luis Artur Costa - Orientador

Mariana Gonçalves da Silva Doutoranda do Departamento de Psicologia Social e Institucional da UFRGS - Debatedora

CONSIDERAÇÕES E AGRADECIMENTOS

“A vida é um instante, é passageira

Veja o exemplo aqui do seu avô

Nascido nas bandas de Madureira

E o mundo consagrou

Mas você pode ser o que quiser

Só siga a cartilha

Respeite o nome

E honre o sobrenome da nossa família”

(Filho Meu – Arlindinho)

Foi um processo longo e complexo fazer esse trabalho de conclusão, por mais que esse trabalho não esteja recheado de muitas páginas, cada parágrafo trouxe toda a minha complexidade do sujeito que hoje eu sou, não necessariamente eu trago respostas, ou questões indicadas com ponto de interrogação. Trago um sentimento e um viver, ambos resumidos em pequenas sentenças, ou em momentos que surgem no texto, momentos que peço desculpa ao leitor, que não fui capaz de transcrevê-los em toda a sua pureza, mas penso que esse processo de escrivência se trata disso também. Mas eu devo ser sincero aos momentos, pois foi a partir de um *momento* que me surgiu a ideia de escrever esse TCC.

Pensei sobre muitas coisas quando me propus a escrever esse trabalho, diversos assuntos passaram pela minha cabeça, pautas que eu discuti durante a minha graduação, pautas debatidas contemporaneamente, mas eu gostaria mesmo é de trabalhar o lugar de representatividade do sujeito que eu me construí, e os territórios que eu perpassei. Um sujeito que esteve sempre a margem do *sujeito epistêmico*, que a pouco passou a ter um espaço na academia e nas mídias, um espaço redutivo. Na universidade já conhecemos esse *sujeito epistêmico*, conhecemos as suas escolas, as ruas que caminharam, as viagens que fizeram, as roupas que gostam de usar, conhecemos todo o seu trajeto. Eu gostaria de trazer um outro sujeito, que não tem a sua trajetória reconhecida como de fato, um lugar de educação.

A minha questão era como trazer esse sujeito, de qual forma? Houve muitas ideias, mas o momento que me *bateu na mente*, foi quando eu estava vendo uma entrevista

do Mano Brown, em que ele estava falando da questão da masculinidade e da sua formação com homem negro, e na hora isso me pareceu tão óbvio - *tenho de falar disso!* - . O sujeito que eu pensei em traçar uma linha narrativa foi o meu vô paterno. Ele era um homem negro com uma trajetória completa e uma referência para minha família. Infelizmente meu vô veio a falecer enquanto eu ainda estava dando início ao trabalho, não vou mentir que isso tornou o trabalho mais sensível do que já seria, mas a história do meu vô não caberia em um TCC, seria ainda pouco, quem sabe um livro no futuro? A minha família toda é referência nesse trabalho, os meus parentes por parte materna e paterna, percorrendo os espaços do Sarandi ao Pinheiro. No fim, a questão da masculinidade se mostrou complexa para mim e eu não achei que estava conseguindo abordar essa temática do jeito certo, e eu acabei seguindo um fluxo, que me levou para outras sensações, mas isso não deixa de ser uma falta minha. Eu peço em não trazer de forma nítida e evidenciada a importância da mulher negra na formação de qualquer homem negro. Peço desculpas desde já.

Agradeço a toda a minha família, com ressalvas ao mais antigos, que construíram territórios que me permitiram a ter um lugar de pertencimento, para assim, me construir do jeito que eu quero. Agradeço também ao meu orientador, Luis Artur, que foi um grande companheiro na minha escrita. Agradeço a minha companheira me ajudou a montar esse trabalho. Agradeço também a todos os meus ancestrais, aqueles que eu conheci o nome, e aqueles que eu não conheci.

EM HOMENAGEM AO MEU VÔ



RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, intitulado: Do pique do jogador, ao repique do samba: Uma Narrativa dos Territórios de Um Jovem Negro, visa discursar sobre os trajetos e os territórios existenciais que parte de uma juventude negra, tem de de perpassar. Utilizando de uma narrativa própria do autor como método de estudo, que dialoga com uma vivência do negro no futebol e no samba. Traçando as problemáticas que envolvem a territorialidade da branquitude e da negritude, e os processos de colonização.

Palavras-Chaves: Territórios existenciais, negritude, processos de subjetivação, samba, futebol, masculinidade, narrativa.

Sumário

1 INTRODUÇÃO:	8
2 “O SAMBA É MEU GUIA” –(ARLINDO CRUZ – COMO UM CASO DE AMOR)-.....	14
3. “SE NO BARCELONA EU FOR CAMISA 10” (TURMA DO PAGODE – CAMISA 10)).....	23
4. “SÓ NÃO ENTROU COM BOLO E TUDO	29
PORQUE TEVE HUMILDADE EM GOL” -(JORGE BEN JOR-FILHO MARAVILHA)	29
5. DO PIQUE DE JOGADOR.....	30
6. “CRIME, FUTEBOL, MÚSICA, CARAI”	33
7. DO REPIQUE DO SAMBA.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

1 INTRODUÇÃO:

Pensando em Neuza dos Santos Souza (1983), não se é negro, *tornar-se negro*. Esse processo de identificação acontece de diversas formas para as pessoas negras, (esse modo de subjetivação, ou subjetividade, ou ideal de eu) se constrói tendo seus marcadores em diversas singularidades, que acontecem em episódios únicos, ou sistêmicos (em forma de repetição).

“O contexto familiar é o lugar primeiro onde a ação constituinte do Ideal do Ego se desenrola. É aí onde se cuida de arar o caminho a ser percorrido, antes mesmo que o negro, ainda sujeito, a não ser ao desejo do Outro, construa o seu projeto de chegar lá. Depois é a vida da rua, a escola, o trabalho, os espaços do lazer. Muitas vezes, é nesses lugares segundos, pleno de experiências novas, que o Ideal do Ego – cujas mostras já foram erigidas – encontra ocasião de reforçar-se, assim adquirindo significado e eficácia de modelo ideal para o sujeito.” (Neuza dos Santos Souza, 1983, p.36).

Para cada aspecto de se tornar humano, há um aspecto diferente para o que se torna negro. Dentre os aspectos da subjetividade negra, o que eu gostaria de pensar/repensar, seria o da minha própria complexidade como um homem negro, um homem atravessado por diversas violências e passividades, que me constroem como *algum outro homem*.

“O cotidiano é pródigo em situações em que o negro se vê diante de falsas alternativas, insatisfatórias todas: afirmação/negação, exploração, dominação/submissão.

O discurso do nosso Correia é radical: na formação do Ideal do Ego não lhe escapa nenhuma das características básicas do modelo racista e capitalista. Seu Ideal de Ego é fundada na dupla opressão de classe e de cor.” (Neuza dos Santos Souza, 1983, p.37).

Parte do que gostaria de pensar/repensar, seria meu progresso como um homem negro, o que difere em parte do progresso em si de *ser negro*; as duas coisas podem acontecer em tempos diferentes, e em modos diferentes. Existe um *ser negro* que faz parte do imaginário branco, que constitui de forma ambivalente a branquitude e a própria negritude, um resultante do racismo institucional e dos pensamentos/pensadores coloniais, o que produz imagens em nossa sociedade regulamentadas-moduladas calcadas na perspectiva da branquitude, do patriarcado, da cisheteronormatividade, ou seja, os ideais, os *objetivos a serem alcançados*, o desejo de futuro vem desde sempre marcado pela perspectiva branca em uma dinâmica narcísica na qual a branquitude valoriza ao mundo apenas a partir de si mesma.

“[...]quando os pretos abordam o mundo branco, há uma certa ação sensibilizante. Se a estrutura psíquica se revela frágil, tem-se um desmoronamento do ego. O negro cessa de se comportar como indivíduo acional. O sentido de sua ação estará no Outro (sob forma do branco), pois só o Outro pode valorizá-lo, no plano ético, ou seja, valorização de si.”

(Fanon, 2008, p.137)

Já a idealização de uma pessoa negra, como sujeito de si, acontece em outro momento. Os marcadores dessa idealização aparecem em diversas formas, o que eu posso trazer, é que a música, o esporte, e a religiosidade, foram territórios¹ que reforçaram muita coisa do que eu queria como um homem negro. Acreditando que a partir da minha singularidade, se possa enxergar os territórios que parte de uma negritude brasileira também teve que perpassar, seguindo uma narrativa autoral minha.

Faço da minha narrativa uma tecnologia ancestral, tal como tecnologia *griot*, como colocado no artigo “Antes de saber onde vai é preciso saber quem você é: tecnologia griot,

¹ Pensando aqui no conceito que Deleuze e Guattari trabalham de território, como um lugar fluido que todo humano traz consigo, tal como coloca Rogério Haesbaert e Glauco Bruce (2009) no seu artigo “A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari : “*A parti da proposta de Deleuze e Guattari, queremos pensar a territorialização e a desterritorialização, como processos concomitantes, fundamentais para compreender as práticas humanas. O problema concreto que coloca é o de como se dá a construção e a destruição ou abandono dos territórios humanos, quais são os seus componentes, seus agenciamentos, suas intensidades.*” E a negritude possui sua própria territorialidade.

filosofia e educação” por Renato Nogueira (2019). O *griô*² não se resume a contação de história, e sim a uma multiplicidade de sentidos, formas e afetos que também fortalecem coletivos. Permite a reflexão sobre nossa trajetória, nossos afetos e nossas formas de vivermos juntos. A ficção, então, adentra o trabalho como metodologia e como objeto. Como metodologia, posto que é por meio da contação de histórias que o presente trabalho irá cerzir seus recortes e análises sobre a construção de territórios da negritude em nossa sociedade, buscando, pela modulação estética da escrita, evocar e provocar em seus leitores de modo a reverberar tal território existencial em quem entra em contato com o texto, compreendendo uma prática de sentir-pensar, uma estratégia inteligisensível, pela qual pensamento e afeto são compreendidos e vividos como imanentes um ao outro. Como objeto, a ficção adentra o trabalho por meio de uma atenção especial às histórias enquanto memória de uma ancestralidade, ou seja, enquanto constituintes do território que a presente escrita pretende analisar e apresentar. Sendo assim essa a minha *escrevivência*. Tal como a nossa mestra Conceição Evaristo sobre sua própria obra *Becos da Memória* (2018).

- Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de Becos está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever Becos foi perseguir uma escrevivência-. (Evaristo, 2018, p.9)

Das lembranças que eu tenho como um jovem que reafirmava o meu lugar como uma pessoa negra, me vem muito a música e o futebol, territórios que sempre foram reafirmados na minha família; na música, o samba, no esporte, o Inter¹, ambos reforçados como uma afirmativa racial; *o samba é de negrão e o Inter é o time dos negros*. Eu vim reafirmar isso, a partir dos 10, 11 anos de idade, e mesmo com pouca idade, pelos 7 anos, meus pais já me colocavam a frequentar terreiros de umbanda/batuque (religiões de matrizes africanas). Foram nesses territórios, que eu enxerguei um lugar pertencente ao negro.

² Griô se popularizou como o termo para aquele detém a informação de um grupo/tribo, e repassa as tradições, mas no próprio texto “Antes de saber onde vai é preciso saber quem você é: tecnologia griot, filosofia e educação”, Renato Nogueira coloca que griô é mais que isso, e que é reducionismo da própria branquitude isso.

Desses lugares que eu sentia que eram do meu pertencimento, o futebol é o que mais apresentava dualidades, é um lugar que nem sempre pertenceu à negritude de fato, um território que até hoje mesmo a negritude aparece de forma diferente de outros territórios. A negritude no samba e nos terreiros de batuque, aparece como origem, como raiz, como ancestralidade, já no futebol, a negritude aparece a posteriori, como resultado de uma reinvenção daqueles que tinham o samba e o batuque. Ainda que parte desses lugares sejam reconhecidos como cultura brasileira, dialogando com Lélia Gonzalez (2020), a branquitude a coloca como uma cultura subalterna e infantil, e não como um lugar de conhecimento ancestral e aprendizagem:

“[...] o discurso da consciência, o discurso do poder dominante, quer fazer a gente acreditar que a gente é tudo brasileiro, e de ascendência europeia, muito civilizado etc, e tal.

Só que na hora de mostrar o que eles chamam de “coisas nossas”, é um tal de falar de samba, tutu, maracatu, frevo, candomblé, umbanda, escola de samba e por aí fora.” (Lélia Gonzalez, 2020, p.91)

Por isso, retomar a importância destes espaços de formação enquanto centrais aos nossos processos de subjetivação é tão importante. Para que se retome a sua visibilidade junto aos *ideais de eu*, junto aos elementos valorados por nossa cultura e sociedade. Em especial no que se refere ao samba, posto que se trata de uma referência ancestral de construção da negritude/africanidade. A minha negritude perpassa por todos esses territórios, mas tenho de lembrar que trago negritude como um conceito que passa pelo movimento negro, que é referência, que é escola, mas também como o grupo rap clássico californiano, direto de Compton³, *Niggers with Attitude*⁴, ou como nosso cantor carioca de rap MV Bill também diria em sua música;

³ O primeiro álbum de estúdio do grupo de Rap N.W.A, se chamaria *Straight Outta Compton*, o que traduzido seria algo como “direto de Compton”, bairro periférico de Los Angeles, onde Dr. Dre, Ice Cube e Eazy-E cresceram, um território de conflito de duas gangues famosas dos EUA: os Crips e os Bloods.

⁴ N.W.A, sigla de Niggaz Wit Attitudes, o que traduzido livremente, negros com atitude, mas o termo niggaz, que vem de nigger é usado de forma pejorativa nos EUA historicamente, sendo polêmico a questão da população negra estado-unidense se apropria desse termo, mas desse modo o nome do grupo soa como a palavra *negritude*, que pode ser algo como *atitude negra*. Esse também é um grupo muito influente no rap e na cultura hip-hop, com músicas que trazem

“Não sou o movimento negro
 Sou o preto em movimento
 Todos os lamentos (Me fazem refletir)
 Sobre a nossa historia
 Marcada com glórias
 Sentimento que eu levo no peito
 É de vitória
 Seduzido pela paixão combativa
 Busquei alternativa (E não posso mais fugir)
 Da militância sou refém
 Quem conhece vem
 Sabe que não tem vitória sem suor
 Se liga só, tem que ser duas vezes melhor
 Ou vai ficar acuado sem voz
 Sabe que o martelo tem mais peso pra nós
 Que a gente todo dia anda na mira do algoz.” (MV Bil – Preto em Movimento)

A negritude para mim

Se faz presente, quando o negro se faz presente,
 Ser presente é ter os seus territórios,
 Se fazer presente é chegar em outros lugares que não são do seu
 pertencimento com os seus próprios territórios¹.
 Não precisa ser os territórios tradicionais da nossa ancestralidade
 negra, para ter a sua “negra atitude”,
 A pessoa tem de ser sujeito de si mesmo, e não assujeitado a outros
 territórios que não lhe pertencem.
 Pensar territórios não como lugares fixos, mas como lugares fluidos,
 Correntes marítimas que banham o corpo,
 Um corpo que se move e leva essa coisa translúcida para todo lugar
 que se está.
 Não há como pensar o sujeito negro sem sua territorialidade,

a realidade das ruas de Los Angeles, e denuncia a violência policial, principalmente na música Fuck Police, que seria “Foda-se a polícia”.

Não há como pensar o sujeito negro sem as correntes marítimas que
lhe acompanharam de um continente a outro,

Não há como pensar um sujeito negro sem pensar nas correntes que
lhe foram impostas

Nos seus braços e pernas;

Para não se mover,

Para não pegar,

Para não construir;

Também lhe taparam a boca, e obstruíam a sua visão,

Para pouco comer,

Para pouco falar,

Para pouco ver.

E mesmo assim, nestas condições, passaram-se anos, as pessoas negras conseguiram
manter identificados, parte de seus territórios, de um oceano de história, cada corpo
manteve gotas de informações que foram passadas de geração em geração, construindo
assim, uma nova identidade, uma negritude *oceânica*.



5

⁵ Cena do filme *Moonlight* (2016), filme Estadunidense que mostra o desenvolvimento de um menino negro em uma periferia norte americana, mostrando sua infância, adolescência e vida adulta, discutindo sobre racismo, masculinidade e sexualidade.

2 “O samba é meu guia” –(Arlindo Cruz – Como um Caso de Amor)-

A minha família sempre foi do carnaval, amantes do samba, e é difícil colocar toda a história do samba na negritude brasileira, mas basicamente, a negritude brasileira é parte o samba. E na minha geração pelo menos, isso é evidente, quando eu busco uma lembrança antiga da minha infância, me veem a imagem de mim e da minha família, na casa da minha vó na Lomba do Pinheiro⁶, com um freezer no pátio cheio de garrafas de 600ml de antártica⁷, em um compacto do Zeca Pagodinho do meu vô tocando. A partir desse lugar que eu vi, o homem negro como um sujeito, com outra marcação que os outros homens não tinham. Esse lugar, serviu muito como reafirmação da minha negritude, como se eu já me conhecesse, antes de saber o que eu sou, e como diria o majestoso malandro, Zé Keti, *eu sou o samba*. Não o samba lá do Rio de Janeiro, de Porto Alegre mesmo, de origem do interior do Rio grande do Sul, e da região metropolitana de Porto Alegre, de quilombos gaúchos que criaram raízes nesse lugar tão hostil para minha população, mas não como houvesse um lugar sem hostilidade para nosso povo. Esse samba com certeza é um samba que emociona a todos, Zé Kéti apresenta o samba como um sujeito, e não há como pensar nesse sujeito sem ser o próprio Zé Keti, e quando cantamos o refrão, enfim, sabemos que nós somos o *samba*. É possível sentir isso, é possível até mesmo enxergar,

quando os ritmos se alinham, quando a palma da mão e bumbo marcam perfeitamente

o tempo,

quando o corpo faz uma sinfonia,

com os pés cantando e o quadril batendo,

é quando o sagrado invade,

e algo muito antigo se faz presente.

⁶ Bairro da Zona Leste de Porto Alegre, parte da minha família materna é de lá.

⁷ Cerveja que era popular naquela época, nas minhas lembranças, hoje já não é a preferência aqui em Porto Alegre.

As festas da minha família nunca foram celebrações quaisquer, como se o único objetivo fosse somente lazer, as festas marcavam um lugar de aprendizado, um espaço onde o novo e velho se misturavam, onde enxergávamos um caminho que se trilhou, e um caminho que se deve seguir e, não minto, eu quando criança enxergava isso. Meu irmão mais velho quando entrava na adolescência já se emoldurava a essa identidade negra, se familiarizando muito com o samba e o futebol, já no início da sua adolescência ele ganhou seu primeiro cavaquinho, e era muito gostoso de ver o processo de aprendizagem que meu irmão estava passando, meu irmão gostava muito dos pagodes daquela época, anos 90' e 00', o início do Exaltasamba, Soweto, Os Travessos, Só pra Contrariar, e etc. E nas festas de família ele aprendia dos sambas mais antigos, era muito engraçado ver as gerações diferentes vivendo o mesmo momento juntos, conversando com meu avô, minhas tias e tios sobre épocas diferentes da música. É a mesma coisa que acontece nas escolas de samba, as matriarcas e os patriarcas acompanhando os futuros passistas, a futura bateria, aqueles que podem vir ser o mestre-sala e a porta-bandeira. Uma herança antiga sustentada por todo nós, um processo de aprendizagem que veio ser natural, dos espaços negados, das não acolhidas, da violência, fizemos o samba, e como diria Pipa Vieira na sua composição interpretada pelo grupo Trio Preto + 1, *essa é a nossa escola*⁸. Do samba se faz um legado, se faz uma história, e traz algo do antigo também, sendo o samba, algo “além do samba¹” –

“é mais que obra prima, ou filosofia.... o samba é alegria, amor e poesia... o show tem de continuar” Fundo de Quintal.

⁸ Nossa escola é a música interpretada por Trio Preto + 1, composta por Pipa Vieira, que homenageia sambistas clássicos, como Ivone Lara, Jovelina e Cartola.



9

Além de uma música, além de uma identificação, além até mesmo de uma responsabilidade, o samba é um lugar, um território, e nos marca de um jeito ou de outro,

“você não samba, mas tem que aplaudir” Fundo de Quintal -

essa marcação vai ser diferente para cada um. O samba faz parte da cultura brasileira e a identificação com o samba pode ocorrer com qualquer brasileiro que se sinta *brasileiro suficiente*. Uns podem ver o samba, como somente o samba, e outros podem ver o samba como *além do samba*¹⁰. A minha identificação com o samba aconteceu na infância, como eu já havia descrito, mas além de me identificar com o samba a através da minha família, esse processo acontecia simultaneamente em outros espaços que eu estava presente na minha infância. Além da memória da minha família, eu tenho memórias bem específicas na escola, eu sempre fui uma criança tímida, tinha dificuldade de fazer amizades, acabava por muitas vezes me recolhendo sozinho e ficando em um canto isolado, a primeira série inteira foi assim, eu ficava só com meu irmão gêmeo. Foi na segunda série que eu pude me expandir mais. Me lembro com muito carinho daquele momento, mesmo sendo tão novo, é uma memória importante para mim, foi quando a minha turma estava indo para um passeio no zoológico, durante a viagem de ônibus do Leopoldina¹ até Sapucaia do Sul², tive uma experiência muito divertida, sempre gosto de repetir essa experiência

⁹ Foto da minha família, num samba de fundo de quintal, mas *ta* para um pátio mesmo, mas o *fundo de quintal* é mais um conceito fluido.

¹⁰ Além do samba é uma festa itinerante que acontece em Porto Alegre, que eu conheci em 2019, o nome da festa sempre me suscitou reflexões.

quando eu tenho a oportunidade. Como de costume, eu estava no fundo do ônibus, mais isolado e tímido, quando um dos meus colegas, o Robson, começou a bater palma e cantar um pagode daquela época, ele não sabia as letras *dos pagode* inteira, então o ajudei um pouco a completar as canções [...malandragem é poder, ficar despreocupado, enquanto tem outro azarando, ou mandando recado...] essa foi uma das que eu mais me soltei, sempre gostei dessa música, o grupo Tentassamba não era dos mais badalados, mas eu gostava muito, e meu irmão cantava bastante eles, e esse passeio ocorreu depois de um verão que meu irmão e meu primos junto com outros amigos estavam tocando vários pagodes. Então eu consegui *levar* a rapaziada que estava no fundo do ônibus cantando *vários pagode*, batucando a cadeira do ônibus, e batendo na palma da mão;

[... o pandeiro tem um som maneiro chegou no terreiro, botou pra quebrar, o tantã vem cortando ligeiro, tocando faceiro até o sol raiar, reco-reco vem centralizando, cavaco chorando, olha o banjo no ar, todo mundo sambando e cantando que nosso samba já vai começar.... batendo na palma da mão, sambando com o Revelação...].

E eu me lembro que esse foi o primeiro esporro que eu tomei da professora. Foi um dos momentos que eu consegui me fazer presente na minha infância, depois disso, eu me aproximei mais do Robson, e do Peterson, que também veio junto para acompanhar o pagode, o Robson e Peterson também eram crianças negras, mas até o momento, eu realmente não sabia que podia me aproximar das pessoas através desse vínculo, pode se dizer, que foi a minha primeira experiência de *aquilombamento*¹¹.

A música se torna mais do que um som, mais do que palavras, mais do que ritmos, mais do que a alma, ou o *soul*¹² como já diziam uma escola negra estadunidense, quando articulada junto com o sujeito, e ela passa ser um território, que é um emaranhado de todas essas coisas. Já no começo da minha infância eu pude enxergar isso. Entender todos os aspectos disso? Não. Nem hoje eu entendo, mas eu sinto isso da mesma forma que

¹¹ Aquilombamento é um conceito que vem junto com o conceito quilombismo de Abdias Nascimento (1980) como o próprio coloca no seu texto "O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista": "Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Repetimos que a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sociopolítico em termos de igualitarismo econômico." O momento de aquilombamento, é um momento livre, em estamos pautados por nós mesmos.

¹² Gênero de música original dos EUA, que traduzido livremente quer dizer "Alma". Nos EUA, as músicas negras como Funk, Jazz e Rhythm e Blues, costumam serem ditas como músicas que tem muito ritmo e "soul".

senti quando era pequeno, as vezes na forma da pura nostalgia, mas as vezes eu enxergo como uma escola que eu comecei e não terminei ainda. A forma como o samba me foi passado não foi somente uma expressão de uma identidade negra, entenda isso, veja; o processo de identificação de um sujeito acontece com todos de algum modo, o que envolve um processo histórico e étnico-social, e a negritude também perpassa por isso, mas não é somente desses aspectos que quero trazer, o que trago de fato é; há um modelo de aprendizagem técnico-científico que passa por uma linguagem que vai além do colonizador, com expressões próprias do nosso território.-

“Para os africanos, entretanto, para a Arkhé, dança é impulso e expressão de força realizante. É transmissão de um saber, sim, mas um saber incomunicável em termos absolutos, pois não se reduz aos signos de uma língua, seja esta constituída de palavras, gestos imitativos ou escrita. É um saber colado à experiência de um corpo próprio”

(SODRÉ, 2002, p.137)

Com o samba, temos o som que possui os instrumentos ancestrais de batuque de uma origem primordial, e nos apropriamos do violão tocado uma vez por colonizadores, mas tendo sua origem no alaúde árabe, e reinventamos o banjo, uma hora apropriado pela música folk norte americana, instrumento de origem africana que foi redesenhado ao modelo contemporâneo de banjo, que temos hoje, pelos africanos escravizados no México, nosso maestro Almir Guineto do nosso Fundo de Quintal¹³, que adaptou os braços e as cordas desse instrumento ao cavaquinho, fazendo do banjo brasileiro um instrumento redundante, onde sua origem é africana, e é tocado nas músicas de origem africana (o pagode, o samba), fazendo desse instrumento de corda também um instrumento de percussão. Nas letras, temos uma escrita que até então não se era de uso comum, mas não abandonamos a oralidade, mas achamos quem pudesse transcreve-las, como nosso grande mestre Angenor de Oliveira, o mágico Cartola, que seria daí mesmo que ele tirava suas composições, diferentes dos compositores clássicos da música brasileira, onde todo o letramento vem de uma escola de arte, de referenciais de uma escrita moderna, Angenor tinha o letramento que o morro da mangueira lhe deu, dito como um analfabeto funcional,

¹³ Grupo clássico de Samba, fundada no Cacique de Ramos, para muitos, o maior grupo de samba de todos os tempos, e para mim, um dos maiores da música em si.

pois não havia terminado o ensino primário, Cartola possuía toda a poesia que o samba sempre teve. E todo ritmo, e toda alma, é o que transcendeu até aqui, é o que formou toda a *nossa escola*. De toda essa contradição, há um território que foi conquistado, algo que surgiu de um momento antigo e foi restabelecido com outra forma, sendo fortalecido pelas comunidades e pelas famílias. E nesse território, há uma forma de aprendizagem, que deve ser seguida. Da mesma forma como Lélia Gonzalez coloca o *pretuguês*.

“É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença do R no lugar do L nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o L inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa “você” em “cê”, o “está” em “tá” e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês.”

(Gonzalez, 2020, p.90)

Comigo já na universidade eu tive o privilégio de acompanhar, e de estar presente, em diversos momentos de aquilombamento dentro Universidade Federal do Rio Grande do Sul, momentos que me fizeram lembrar, quando eu estava no ônibus do passeio da escola com o Robson e o Peterson, a diferença é que não teve recuo com a professora pedindo para parar. Há vários momentos de aquilombamento que aconteceram na minha trajetória na universidade, mas há um que foi muito especial para mim, e tenho certeza que para muitos outros. Esse momento foi no primeiro Sambarau que ocorreu no pátio do curso de Psicologia UFRGS, muito difícil colocar todo o significado que foi esse evento. O Sambarau foi um evento organizado pelo coletivo Negração, um coletivo de estudantes negros da UFRGS, na verdade o coletivo surgiu a parti do Sambarau, a parti de uma reunião de estudantes negros da UFRGS que buscavam se organizar dentro da universidade, eu estava presente na reunião, o Sambarau acabou indo além das expectativas. A ideia era fazer um samba com um sarau de poesias, com caráter festivo. Poderia dar certo? É claro que daria certo, não há coisa que funcionaria melhor. Poder fazer uma festa de como se fazia na minha vó, é uma demarcação de territorialidade máxima para mim, *“esse lugar me pertence”*. Nunca me senti tão pertencente na UFRGS dessa maneira.

“e a maioria por aqui se parece comigo, e eu também sou bam bam bam e o que manda, o pessoal desde às 10 da manhã está no samba” –

(Racionais MC’s, Fim de Semana no Parque)

E nesse Sambarau foi meu irmão mais velho e meus primos, todos se sentiram a vontade a entrar na roda de samba, e tocaram até a pot-pourri deles, que é sempre uma sequência que emociona, e no Sambarau foi algo [...]. Uma sequência que começa com o pagode Ó do B.G.Ó, um brasileiro, e segue com Grupo Referencias, Ai meu Deus, e terminando com Art Popular, deixa eu ir na luta, emendando no meio do refrão dessa música os versos do Mano Brown em Negro Drama – Racionais MC¹⁴, e o nego Beijo começou *“Daria um filme...”* e todo mundo deu sequência até o último verso em plenos pulmões,

“Uma negra e uma criança nos braços, solitária na floresta de concreto e aço

Veja, olha outra vez o rosto na multidão

A multidão é um monstro sem rosto e coração

Hei, São Paulo, terra de arranha-céu

A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel

Família brasileira, dois contra o mundo

Mãe solteira de um promissor vagabundo

Luz, câmera e ação, gravando a cena vai

Um bastardo, mais um filho pardo sem pai

Hei, senhor de engenho, eu sei bem quem você é

Sozinho cê num guenta, sozinho cê num entra a pé

Cê disse que era bom e as favela ouviu

Lá também tem uísque, Red Bull, tênis Nike e fuzil

Admito, seus carro é bonito, é, e eu não sei fazer

¹⁴ Grupo de Rap clássico do Brasil, como coloquei na última nota, que fundo de quintal era um dos maiores grupos da música em si, tal como Beatles, Racionais com certeza também é, mas Beatles para mim não está no meu top 10.

Internet, videocassete, os carro loco
Atrasado, eu tô um pouco sim, tô, eu acho
Só que tem que
Seu jogo é sujo e eu não me encaixo
Eu sou problema de montão, de Carnaval a Carnaval
Eu vim da selva, sou leão, sou demais pro seu quintal
Problema com escola eu tenho mil, mil fita
Inacreditável, mas seu filho me imita
No meio de vocês ele é o mais esperto
Ginga e fala gíria; gíria não, dialeto
Esse não é mais seu, oh, subiu
Entre pelo seu rádio, tomei, cê nem viu
Nóis é isso ou aquilo, o quê? Cê não dizia?
Seu filho quer ser preto, ah, que ironia
Cola o pôster do 2Pac aí, que tal? Que cê diz?
Sente o negro drama, vai, tenta ser feliz
Ei bacana, quem te fez tão bom assim?
O que cê deu, o que cê faz, o que cê fez por mim?
Eu recebi seu ticket, quer dizer kit
De esgoto a céu aberto e parede madeirite
De vergonha eu não morri, to firmão, eis-me aqui
Você não, cê não passa quando o mar vermelho abrir
Eu sou o mano, homem duro, do gueto, Brown, oba
Aquele loco que não pode errar
Aquele que você odeia amar nesse instante

Pele parda e ouço funk

E de onde vem os diamante? Da lama

Valeu mãe, negro drama”.

(Racionais MC’s Negro Drama)

Não há lição mais preciosa que eu aprendi dentro da universidade, nem mesmo se eu escrevesse um texto com mais de 1200 páginas, tentando falar de todas as especificidades que aconteceram, dos atravessamentos que nos percorreram, dos agenciamentos que proporcionamos, conseguiria passar a lição que o Sambarau passou.

Os gritos em forma de canto,

confunde quem passa, o protesto em forma de festa não assusta,

mas intimida,

e a nossa homenagem, em forma de uma intervenção,

faz com que abaixe a guarda,

e quando menos perceber,

todo esse lugar será **NOSSO**,

fazendo da universidade nosso território, fazendo dela o nosso fundo de quintal.

“mais um pouco vai clarear,

nos entramos outra vez,

Com certeza nada apagará,

esse brilho de vocês [...]

Obrigado do Fundo do nosso quintal”-

(Jorge Aragão – Do Fundo do Nosso Quintal)

3. “Se no Barcelona eu for camisa 10” (Turma do Pagode – Camisa 10)

Além das festas, do samba, dessa escola que constituiu a minha família, há outra escola que me constituiu, essa já bem mais contraditória, o futebol. O bate papo de bola é sempre algo recorrente na minha família, é como se o sonho de ser jogador ainda estivesse vivo em todos nós, uma idealização infantil que sempre retorna, um retorno que sempre se faz pensar sobre as nossas origens, embora que, na realidade, o futebol não seja nossa origem, como o samba é, ou como é o “batuque”. A origem do futebol é a mesma que a maiorias das coisas que nos norteiam nessa civilização ocidental, um produto colonial, burguês e excludente. Embora hoje seja o esporte mais popular do mundo, o futebol na sua origem era par a alta burguesia, o futebol veio para o Brasil através da elite do nosso país que era familiarizado com a Europa, e trouxe esse esporte para os seus clubes sociais e esportivos, clubes qual existência se justificavam apenas para a hierarquização das classes sociais, para manter o status da elite burguesa, e é claro, para reforçar o lugar da branquitude. Ainda assim, nada disso impediu a popularização do futebol, o interesse por parte das classes sociais mais baixas e da negritude por esse esporte, claro que dentro muitos esportes que se pode praticar, o futebol se mostra o mais acessível para imitar as suas condições, as do vôlei por exemplo, seriam mais difíceis, e a prática de esportes olímpicos não é algo que é sempre sugestível.

Também o futebol de 1900 até 1940¹⁵, mudou vários aspectos, as razões econômicas foram a que mais fizeram dele um esporte popular, uma vez que deixou de ser um produto altamente exclusivo da elite, passou a ser um produto comercializado de forma popular, tendo mídia e afins.

“Mesmo o seu início, o futebol já demonstrava interesses econômicos e políticos de grupos diversos que encobriam facetas racistas e preconceituosas” (Santos, 2018, p.125) -

Mas quando estou com a minha família, e estamos falando de futebol, não estamos falando da elite, não estamos bajulando a ideia de clubes exclusivos, estamos falando de nós mesmos, estamos falando da nossa história. E nossa história já começa muito cedo, e

¹⁵ No final dos anos 40, o meu time, o Internacional, possuía um time com muitos jogadores negros, e a parti dessa época, que o Inter acumulou títulos regionais, um jogador desse time do Internacional, que tem até um ginásio com o seu nome, é o *Tesourinha*.

ao mesmo tempo muito tarde; começa tarde, quando o negro foi ter sua representatividade no futebol a parti dos anos 40, e cedo que desde pequeno se assimila o futebol.

Para as crianças a bola era a coisa mais fácil de ser replicada, era comum na minha turma de ensino fundamental de uma escola estadual, nos organizamos para garantir o nosso futebol; antes do recreio, no meio da aula, o que seria um ato de indisciplina, para nós era ato de pura genialidade infantil, doávamos cada um que participaria do jogo, uma folha do seu próprio caderno, e depois enrolaríamos as folhas com uma fita durex, para assim, termos a bola, e as nossas goleiras, espaçadas metricamente por 5 passos de qualquer um, sendo as traves as ora mochilas, ora pedras, ora qualquer objeto que pode ficar estacionado, já quando jogávamos com goleiros elas eram espaçavas a 10 ou 12 passos, por vezes um garoto esforçado conseguia um giz para simular o campo, mas não era rotina, o campo era ilimitado, o campo era asfalto, grama, areia, barro, tudo que se podia pisar descalço ou não. É claro que quando os pais se esforçavam para dar cadernos de 200 folhas, e mochilas boas que pudessem carregar os mesmos cadernos, não era para que esses meninos usassem as folhas para jogar futebol, mas é claro que os garotos não fariam isso se a escola lhes desse a bola, e os cadernos e as mochilas. Embora que, mesmo com o caderno e a mochila, o lápis e a professora, o que se sonhava, era com a bola e o estádio, crianças afortunadas também sonhavam em ser jogador de futebol, mas não é como se elas tivessem que arrancar as folhas de seus cadernos para ter uma bola, ou jogar descalço pois só tinham um único tênis, ou como se o futebol fosse o único lugar para poder sonhar, a ponto que folhas de cadernos pudessem ter mais significados como bolas de futebol a qualquer outra coisa.

O futebol na minha história ele chega mais que um sonho, como uma real possibilidade, como uma real representatividade de uma realidade, um sonho de ascensão negra. O meu irmão mais velho quando eu ainda estava no início do fundamental, já trilhava o caminho para um sonho que muitos jovens como ele e eu já trilhamos, um sonho que começa quando se arranca a primeira folha de papel do caderno. Meu irmão desde novo já mostrava ser um prodígio, aparecendo sempre bem nas competições da Escola de Ensino Médio Baltazar de Oliveira Garcia, onde ele mais se destacou foi no time de várzea

do Leopoldina¹⁶, o Lecoche, time treinado pelo Tio Paulo, que morava na mesma quadra que a gente morava.

Com a ajuda do meu tio, meu irmão Diego, conseguiu fazer um teste para treinar na base do Internacional Sport Club, meu irmão jogava na parte defensiva, como primeiro volante e zagueiro, como se esperava de uma promessa da várzea, meu irmão se saiu muito bem, conseguiu até fazer um gol, o que não era esperado da sua posição. Não demorou muito, meu irmão conseguiu subir para treinar com o time B do Internacional, o time onde os jogadores estavam mais próximos de subir para o time principal, foi ai onde meu irmão enfrentou um dos primeiros obstáculos desse caminho de ser jogador de futebol, as famosas panelinhas, o Diego nunca foi uma pessoa de extrema paciência, ele não aguentou a panela, na roda de bobo que teve, um dos líderes da panelinha tirou *sarro* do meu irmão na frente de todos os jogadores, e o Diego partiu para cima da promessa da base do Inter. Meu irmão não tinha assinado contrato, e isso foi suficiente para acabar com o sonho. Mas eu ainda enxergava esse lugar como uma possibilidade.

Ainda no fundamental, pela 5ª série, eu me lembro de ter insistido muito com a minha mãe para ela me botar no Guri Bom de Bola, uma espécie de preparo técnico para jogadores mirim de futebol, mas a verdade era que a escolinha era muito cara, me lembro que fiquei chateado na época, pois minha mãe tinha colocado a condição de ir bem na escola, que eu poderia entrar em uma escolinha de futebol, mas minha mãe não cumpriu com a palavra dela. Mesmo assim, eu comecei a jogar no time Júnior do Lecoche, o mesmo time que o meu irmão jogou, O Tio Paulo tinha todas as expectativas em mim “*esse deve jogar*”, já me botou de primeiro volante, que era a posição que eu queria mesmo, a mesma do meu irmão. Mas no final eu vi que eu era mais esforçado do que qualquer coisa, eu só me lembro de uma vitória na várzea, contra um time que tinha tomado 15x0, nunca fiz um gol se quer no campo. A verdade é que foi um grande choque para mim, que o sonho de ser jogador de futebol, era algo muito distante, mesmo para aqueles que tinham talento era algo difícil, e para mim, que me descobri sem talento, foi traumático, pois eu realmente acreditava que tinha algo especial, como eu via muitos negros que eram os melhores do mundo no futebol, como meu irmão era muito bom

¹⁶ Bairro da Zona Norte de Porto Alegre onde eu cresci, nesse trabalho eu perpasso por vários lugares, mas os lugares são em parte a Lomba do Pinheiro e o Sarandi, mas a Zona Norte de Porto Alegre é por onde eu mais circulei.

também, mas mesmo assim não conseguiu, eu não sabia o que restava para mim, como se me faltasse algo, que não fossem as folhas arrancadas do caderno.

De fato, eu utilizava o futebol como lugar para afirmar a minha negritude, ainda nesse período da pré-adolescência, eu ainda possuía muitas referências, a minha família sempre foi muito importante nisso, mas parte da minha autoconfiança estava abalada. Uma das coisas que eu tenho vergonha, foi quando meu irmão gêmeo foi tentar a prova para estudar no colégio militar, e terminar o restante do ensino fundamental. Embora meu gêmeo, eu e o Renato temos trajetórias diferentes, uma vez que eu pensava em ser jogador de futebol, pagodeiro, entre essas representatividades negras midiáticas, meu irmão sempre quis ser médico, algo que surgiu desde muito cedo mesmo, meu irmão nunca teve essa paixão pelo futebol que eu tenho, ou assumiu uma masculinidade negra estereotipada, mas ele nunca negou a sua negritude, no momento que ele disse querer ser médico, ele assumiu a negritude dele mais do que qualquer um. A minha vergonha vem, de eu ter desacreditado no meu irmão que foi prestar a prova para o colégio militar, pois achava que era muito difícil conseguir isso, o que é hilário, pois eu acreditava que seria possível ser jogador de futebol, e passar no colégio militar, ou ser médico, é muito mais fácil do que isso.

A trajetória do negro no esporte traz várias histórias de conquista e de glórias, como no atletismo, temos os medalhistas Jessie Owens e Tommie Smith, campeões incontestáveis no Boxe como Mohamad Ali, George Foreman e Evander Holyfield, e outros campeões em diversas modalidades, como Serena Williams (tênis) e Tiger Woods (golfe). Também há destaque de personalidades negras em outros lugares fora o esporte, é claro, como na arte e na produção intelectual, mas o que acontece, é que a narrativa que se constrói de uma personalidade negra que teve ascensão através do esporte, se difere daqueles que tiveram através dos meios artísticos e intelectuais. É evidente que todos os indivíduos tem a sua própria história, e a sua própria narrativa, como eu mesmo estou descrevendo a minha, mas nessas narrativas percorremos trajetórias que nos é atravessado por outros territórios e representatividades que não são do nosso pertencimento; o esporte para o negro é um quadro vazio já com uma moldura pronta, pendurado em um museu que leva um nome eurocêntrico, esperando a nossa tela feita a mão, utilizando conjunto de cores limitadas, para que fique do lado do quadro do *Miquelangelo*. O fato é que para qualquer um alcançar a ascensão social e econômica nessa sociedade racista, terá que vender o seu quadro para um museu eurocêntrico, o que acontece diferente com as

produções artísticas e intelectuais, é que partimos de um território que é de nosso pertencimento, como havia falado do Samba, este também está em museu branco, com suas narrativas brancas, mas o quadro é totalmente nosso, a moldura é nossa, e equiparemos a nós mesmos com os quadros do nosso museu. A música e a produção intelectual negra passam por um processo de apropriação, como fizeram com o Jazz e o Rock nos Estados Unidos, mudaram a moldura, usaram de outras cores, e plagiaram a obra de outros artistas. O que acontece no esporte é o contrário, é um lugar onde queremos fazer pertencente, e nos maravilhamos com a história daqueles que conseguiram, aqueles que arrancaram as folhas do seu caderno para fazer uma obra espetacular para o museu. No esporte, temos que fazer o caminho inverso, temos de nos apropriar dele, não somente no esporte, mas em todas as coisas, trazer o que é deles, para o que é nosso. O futebol brasileiro, possui ambas as narrativas, e é um campo de disputa, que pode ser representado em duas personalidades, Pelé e Garrincha.

O futebol no Brasil é o que possui maior representação negra, comparada com qualquer outra coisa com significância nacional sem ser o samba. Ainda muito pequeno, eu já tinha conhecimento que o melhor jogador de todos os tempos era negro, com certeza o primeiro Rei que eu reconheci como tal, não foi europeu, e de nenhuma dinastia antiga, foi o famoso Rei Pelé. A minha família sempre reverenciou o futebol, e o Pelé sempre foi reverenciado, o debate entre Pelé e Maradona nunca foi de fato um debate, pois havia só um lado, e é claro que era sempre Pelé, o debate que havia era mais entre Pelé e o Mané Garrincha, um debate que foi trazido pelo meu vô, que o meu pai e meus tios trouxeram, e que hoje eu trago. O Garrincha era mais um homem negro lendário do futebol brasileiro, o diferencial que ele trouxe, além de suas pernas tortas, era o seu tom de pele negra mais clara, o que muitos acabam por chamar de sarara. O Garrincha de longe não era o homem perfeito que todos queriam que ele fosse, não era tal como o Pelé. Esse por sua vez, foi com certeza um dos primeiros super-humanos que apareceu no Brasil, as histórias que contam era que Pelé era disciplinado, treinava como nenhum outro de sua época, e possuía um físico fora do comum, já o Mané, era outro caso. Garrincha era o malandro em campo, por mais que ele fosse Mané. Com as pernas tortas, e a disciplina que a malandragem exigia, ele foi campeão duas vezes da Copa do Mundo. Embora Pelé seja realmente um superatleta, quem abriu as portas para uma identidade de um futebol brasileiro foi Mané Garrincha. Na copa de 58 os suecos viram algo diferente do esporte que praticavam, no tempo que não se balançava com outros jogadores, Garrincha foi e balançou. E isso

legitimou o nosso futebol, que nas ruas das periferias do Brasil já era praticado, e todos puderam testemunhar isso. Esse testemunho foi o que sustentou uma nova cultura a surgir, um novo legado a ser prestigiado, um novo quadro recém pintado, a clássica legenda “o país do futebol”, ah sim, que obra linda foi esse nosso “futebol arte”. Muitos artista tem seus nomes nessa obra, o tri pela copa do mundo foi a moldura dessa arte, porem todas as cores dessa obra vieram de lugares anônimos, pinceladas por artistas que não foram reconhecidos, mesmo Pelé e Garrincha poderiam ter um história diferente do que a gente conhece, por pouco ambos não ficaram fora da copa de 58, segundo a matéria do UOL feita pelo jornalista Carlos Padeiro, por conta da avaliação de um psicólogo, que considerou Pelé infantil de mais, cogitou que ele não fosse aproveitado para a copa do mundo, e a vaga de Garrincha estava destinada para um outro atleta, Julinho Botelho, atleta branco que atuava na Itália, mas recusou ir para a seleção pois não acharia justo tirar a vaga de outros jogadores que atuavam no Brasil, segundo a reportagem. E eu trago aqui uma das histórias dos Pelés e Guarrinchas não aproveitados: a história do Nino.



17

¹⁷ Pelé e Guarrincha, foto de Luiz Carlos Barreto.

4. “Só não entrou com bolo e tudo

Porque teve humildade em gol” -(Jorge Ben Jor-Filho Maravilha)

É de *praxe*, como dizem, é pegar uma cadeira ficar sentado na frente, com o meu pai, meu tio, com um café preto, ou um chimarrão, ou aquela cervejinha, não da outra. Cada um que passar na frente cumprimentando, vai ter uma história. E quando era o falecido Nino passando, quanta história, não tinha ninguém no Sarandi que não conhecia a história do Nino, tem gente que fala que o Nino jogava até mais que o Cristiano Ronaldo, um centroavante mirradinho, baixo e magro, mas de algum jeito, o que ninguém conseguia realmente explica, ele ganhava todas dentro da área, tinha gente que comparava até mesmo com Pelé, aquele gol de copa que o Rei recebia a bola bem alta, e sem deixar ela cair no chão, o Pelé só deu de biquinho, coisa que parece simples, mas não é, é coisa só de quem domina a arte da bola, coisa que o Nino fazia todo jogo de várzea. Nino era tal como o Pelé mesmo, um homem negro de tom de pele retinta, mas o Nino, diferente de Pelé, não fazia o perfil do homem negro forte e cheio de vigor, ela era magro, baixo, e não era de fato um atleta, Nino gostava de beber, curtir uma boa roda de samba, e fumar um cigarro pelas ruas do Sarandi, Nino de fato não era uma referência como veio a ser o Pelé, um homem negro forte e disciplinado, o que naquela época, seria uma luta muito difícil para um homem negro enfrentar, mas Pelé o fez, o que faz dele um gênio, um dos primeiros super homens negros. e Nino era o contrário disso, o que para um homem Negro na época, é diariamente ter que enfrentar a morte. E Nino, mesmo assim, fazia que poucos, ou ninguém fazia, o que fazia dele um gênio também, mas Nino ainda conseguia ser mais simpático que o Pelé, todos paravam para ver o Nino jogar, tal como todos paravam para ver Pelé jogar, ainda assim, Nino tinha algo mais, ah sim, ele tinha aquela coisa, uma escola que foi fundada por Nino e seus contemporâneos, e quem também veio antes, ele tinha o “pique de jogador”.

5. Do Pique de Jogador

O pique de jogador é uma escola que veio do futebol, mas rapidamente extravasou o futebol, transformou a linguagem futebolística outrora técnica, em uma linguagem popular. Para se conhecer o futebol, não precisaria ser letrado, ou alfabetizado, o que precisaria seria a penas a *linguagem de boleiro*. Fazendo assim, a várzea não mais só uma escola para futuros atletas de futebol, mas também para um território identitário que percorre até hoje o imaginário dos jovens de periferia. O Nino com certeza foi uma representação viva dessa velha guarda que fundou o que muitos jovens negros são, ou querem ser, a *boleiragem*. Nino de fato foi um grande *boleiro*, uma lenda. Mas além da bola em si, Nino tinha também a malandragem, o que o tornava de fato um boleiro. O que faz um boleiro, de fato um boleiro,

é a junção da bola com o asfalto,

da sola do pé com o cimento,

do calção poliéster com o chinelo arrastado por todos as ruas,

da mesa de bar na rua com a cerveja litrão servida num copo de café

e do cavaco e do pandeiro,

com uma bola de couro toda arrebentada,

e o Nino percorreu por todo esse chão como um maestro, ou como diria na música de Dudu Nobre, em “um singelo menestrel”, andando descalço na rua ao léu.

Grande festa, grande festa no barraco do nego João

Pandeiro, cavaco, viola sob a luz do lampião

Grande festa (grande festa no barraco do nego João)

Pandeiro, cavaco, viola sob a luz do lampião

De alegria dona Maria chorava

Para o bebê que nascia aquela gente cantava

Mesmo a pouco leite, a pouco pão

Aquele bebê foi crescendo

Vencendo as barreiras desse mundo cão – (Dudu Nobre, Singelo Menestrel)

No caso da canção de Dudu Nobre, que o menino andava assobiando Chopin, mas preferindo Noel, para o Nino não posso afirmar que assobiava Chopin, mas com certeza preferia Noel.

Um esporte que até o seu primeiro momento era pertencente a classe mais alta da sociedade, passou a ter outro significado, outras representatividades, o futebol já não se relacionava somente com ele mesmo, a bola passou a ser um objeto que percorre esquina a esquina, canto a canto, escanteio a escanteio. Ter o pique de jogador não é ser um atleta, é saber como dominar a bola, e saber como conduzir ela para onde for, para todos te verem e saber, *que tu ta com a bola toda*. Mesmo Nino nos últimos anos da sua vida, já adoecido, parecia que ele não perdia essa bola, parecia que ele ainda estava com ela no pé. O futebol que estava nos clubes da alta sociedade, hoje está entrelaçado em cada periferia desse País, os antigos artistas da bola, tal como o Nino, redesenharam esse esporte e fizeram dele nosso. Hoje, esse esporte está nas ruas, está nas esquinas, está nos *butecos* com os troféus antigos e fotos de lendas da várzea, com jovens jogando sinuca, com um “tiozinho” tomando seu “samba”, apontando para a rua, e com esses mesmos dedos segurando um cigarro e contando para os jovens “*tá vendo aquele lá? É o Nino, jogou mais que esses que vocês gosta*”. Nino poderia ser um singelo menestrel sim, mas ele estava mais para um ponta de lança.

Umbabarauma homem-gol

Umbabarauma homem-gol

Umbabarauma homem-gol

Joga bola jogador

Joga bola corocondô

Joga bola jogador

Joga bola corocondô

Rere, rere, rere jogador

Rere, rere, rere corocondô

Rere, rere, rere jogador

Rere, rere, rere corocondô

Tererê, tererê, tererê, tererê, tererê homem gol

Tererê, tererê, tererê, tererê, tererê homem gol

Essa é a história de umbabarauma

Um ponta de lance africano

Um ponta de lanca decidido

Umbabarauma

(Jorge Bem Jor – Ponta de Lança Africano)

6. “Crime, futebol, música, carai’

Eu também não consegui fugir disso aí” (Racionais MC’S – Negro Drama)

*“Um bom malandro, conquistador
 Tem naipe de artista, pique de jogador
 Impressiona no estilo de patife
 Roupas de shopping, artigo de grife
 Sempre na estica, cabelo escovinha
 Montado numa 900 azul, novinha
 Anel de ouro combinando com as correntes
 Relógio caro, é claro, de marca quente
 Anda só no sossego, sem muita pressa
 Relaxa a mente, se não estressa
 No momento que interessa, ele já tem
 (Uma Kawasaki), e liberdade meu bem” (Racionais MC’S, Estilo Cachorro)*

Nós amamos nossos craques, amamos a história do jovem menino negro de uma periferia do interior do estado, que dividia a comida com outros irmãos, que conseguiu entrar para um clube grande do futebol brasileiro, garantindo o sustento da família. Adoramos ainda mais quando eles voltam para a sua origem. Me lembro quando eu estava no Natal do Lú, uma festa de pagode que acontece na virada do Natal, a festa era no Império da Zona Norte¹, e o Luís Adriano, ex-jogador do *Inter*, que estava atuando na ucrânia, apareceu lá com um Porsche e mais outros dois carros gigantes, todos tiravam fotos, e acharam de mais ele aparecer em uma festa, que não era a mais barata, mas não chegava perto de das mais caras, e ouvi mas sem saber a verdade, que ele botou um caminhão de cerveja na Bom Jesus, o bairro que ele cresceu. Esses são os momentos mais aguardados; quando um dos nossos vai embora, e o momento que eles voltam. Eles vão com um brinco e uma corrente de lata, sendo levados pelo carro usado do tio, e voltam com correntes de ouro 18 quilates, e o carro mais caro que dê para comprar. Conseguimos! A favela venceu! Fizemos desse esporte a nossa imagem, mas enquanto nós tivermos somente as ruas, os bares, a várzea, e não tivermos os estádios, as marcas, e as propagandas, essa nossa

imagem só vai ser apropriada pelos mesmos que outrora nos impediram de ter acesso a esse esporte, não somente ao esporte, a tudo.

Não vou mentir, tem muitas coisas que sempre me fascinaram no *pique de jogador*, eu queria ter esse *balancê*¹⁸, eu queria ter toda a ginga, queria ter a malandragem de poder andar por todos os lugares, mas existe algo, que eu acredito que atingiu muita a minha geração, não queríamos somente a passada de jogador, não somente a pisada leve, queríamos também com o que se pisava, não precisa ser tênis de futebol necessariamente, mas tinha que ter uma *vírgula*.

Seria uma meia mentira, ou talvez uma meia verdade, que eu enxergava sempre o futebol como um lugar de representatividade negra. A verdade é que o negro tem sua representatividade no futebol, é inegável, em 2002 a seleção foi penta campeã do mundo, se tornando a seleção mais campeã do mundo, estando a frente de outros países Europeus que seriam tradicionais nesse esporte, tendo na nossa seleção jogadores que foram e vieram a ser melhores do mundo; tendo Ronaldo, Rivaldo e Ronaldinho, sendo também os últimos negros melhores mundo de 99 até hoje. A mentira é que a ascensão deles como futebolistas esteve totalmente associado à sua negritude, esteve mais associado a uma marca, a um produto.

Me lembro que na minha pré-adolescência o produto que tinha virado febre foi a marca da Nike associado ao Fenômeno e ao Ronaldinho, a Total 90. Um desejo de consumo exacerbado tomou conta da juventude. Ah como eu queria! Havia o kit inteiro da Total 90, as chuteiras, as meias, os calções e as calças, camisetas e moletoms, normalmente sendo predominante preta, com um bordado dourado com um círculo e dentro o número 90, ou o inverso. Minha mãe chegou a comprar uma falsificada para mim nos *camelôs*¹⁹ do centro, em frente a plataforma dos ônibus da Zona Norte, o que a gente costumava pegar era o Leopoldina 761, ou o Rubem Berta 762. Descendo do ônibus dava pra enxergar o mar laranja, e corredores infinitos por dentro desse mar. Cada camelô oferecia um modelo falsificado diferente da Total 90, no caso teria que ter perspicácia para achar a melhor cópia ao melhor preço, eu escolhi uma camiseta dourada da Total 90, eu realmente sai como uma criança bem satisfeita. No dia seguinte na escola eu não me *enrolei*, já foi

¹⁸ Balancê de ginga, mas eu sempre gosto de pensar na música do Zeca Pagodinho “Seu Balancê”.

¹⁹ Comércio clandestino de mercadorias. Basicamente venda de produtos sem nota fiscal, e sem respeitar patente alguma.

logo estreando meu *pano*, mas havia um detalhe que eu havia me esquecido da minha falsificação, o bordado da marca estava em azul, e deveria ser preta, e na turma tinha um colega que estava vestindo o que aparentava ser a original, não deu outra, foi alvo de chacota o dia todo, o tempo todo passava alguém e puxava a gola da minha roupa por trás, para ver se tinha a etiqueta original da Nike, mas só havia 100% poliéster. Nunca mais fui com essa roupa no colégio, eu usava mais na rua e em outros momentos, mas eu gostava da roupa. A parti desse episódio que eu passei a ter repulsa por essas marcas, essa identidade forjada que modelou uma geração inteira. Com isso, eu acabei me sentindo deslocado, pois a imagem do homem negro nos esportes, já estava totalmente vinculada a essas marcas.

Como se naquele museu branco, outrora mencionado, haviam agora aprisionado um corpo entre as molduras e a tela, com vírgulas, e folhas e animais pintados sobre o corpo. Mas as vírgulas não eram das nossas palavras e sim da logo que identifica a Nike, as folhas não eram da nossa flora, mas sim da Adidas e os animais pintados eram da Puma, da Lacoste etc.

A verdade é que todos os corpos têm marcas vinculadas, todos os corpos são marcados. todos temos as nossas marcações, que são demarcadas pelos nossos territórios. Todo humano vem nu ao mundo, mas os que já estavam no mundo possuem as vestimentas que serão postas aos que vierem. O corpo negro também veio nu ao “novo mundo”, pois se possuíam ricas vestes em seus territórios, foram violentamente arrancados dos seus ritos, vestes, saberes, etc. Seus ancestrais chegaram a esse continente do mesmo jeito que nasceram. Evidentemente, trouxeram consigo seus territórios e aqui os cultivaram em muitos lugares, estando fortemente presentes em nossa cultura até hoje. No entanto, mesmo aqueles que trabalhavam, ainda no regime de escravidão, nos campos de algodão, estavam trabalhando para vestirem os brancos. E hoje, com a indústria têxtil com os seus mesmos regimes de trabalho escravo, vendem roupas para nós com o nome de negros magníficos.

JORDAN

E mais vírgulas na nossa história.

As marcas nos marcam, e isso é uma problemática da forma como o mercado atinge os nossos corpos, em um primeiro momento essas marcas não tinham uma preocupação do consumo que a população negra faz, esse foco pensando em um consumidor negro que muitas outras marcas passaram a pensar é extremamente recente, e mesmo com muitos esportistas negros se destacando, essas mesmas marcas não davam destaque para a população negra no geral, o destaque sempre foi pontual. Mesmo a marcas como Nike que atingiram um nível de divulgação por causa de vários atletas negros, e por conta de uma juventude que abraçou essa imagem. Nunca incluíram de forma geral a população negra na sua propaganda. A grande problemática é identificar como aconteceu esse processo dialético; se foi a parti de uma identificação de um mercado possível, dos jovens negros que consomem as grifes, ou foi apropriação dessa juventude, que juntou esse estilo ao “pique de jogador”.

As marcas divulgadas são para os brancos, são muitas poucas as marcas feita por negros para negros, mas a lógica desse mercado sempre foi para a branquitude. E ao negro sempre coube se adaptar a essa moda, e reinventar, para fortalecer a nossa identidade. A forma mais prática foi utilizar das marcas que já existiam, e nos anos 90, onde essas marcas esportivas ficaram mais em alta, por conta da visibilidade, no baquete e no futebol, as marcas escolhidas foram as marcas esportivas mesmo, mas o estilo era original. Mesmo hoje, pouco vejo o tênis para correr, junto com uma bermuda de surfista, e a camisa polo, e na cabeça um *óculos* de esqui e um boné do *Yanks de Nova Iorque*, e uma corrente de prata para proteção, nunca vi esse figurino nas lojas de roupa. Esse estilo é *made in favela*, é *nesses pique mesmo*.

Difícil dizer se estamos nos apropriando de uma coisa, ou estamos sendo somente cooptados por ela, acredito que isso faça parte da própria dialética, mas independente, é possível encontrar um desconforto nos olhos daqueles que identificam o nosso estilo, o estilo que está nas rodas de samba, o estilo que está nos campos de várzea, e o estilo que está ocupando as ruas e tomando atraques da brigada militar discriminatoriamente. Em uma das minhas aulas do curso de psicologia, na cadeira de psicologia clínica, foi passado uma lição dentre várias das práticas psicoterápicas, podemos dizer que por um viés mais analítico, foi colocado que o analista deve se vestir com algo mais neutro, com a justificativa das questões da transferência. Isso me fez lembrar os classificados antigamente, que quando queriam contratar uma pessoa branca, eles botavam que “precisava ter boa aparência”, que ficava subentendido que essa pessoa não podia ser negra. Tudo que é

neutro, é da branquitude, se não for colocado as demarcações da negritude, a branquitude vai estar colocado. O que se entende de um analista de vestimenta neutra, é um analista branco, essa é a imagem, essa é a representação do analista. Eu neguei em algum momento essa idealização do “pique de jogador”, mas foi adentrando a faculdade que eu pude identificar ainda mais a minha história, eu não neguei a minha negritude no começo da universidade, e eu sempre me entendi muito bem com ela, mas sempre achei dúbio demais a forma como somos colocados e nos colocamos na estereotipização do homem negro, mas eu pude identificar o incomodamento que gera, quando a gente se coloca nesse lugar, mas como sujeito dele, e não o resultado do mercado. Ser um analista com pique de jogador destrói com o todo o paradigma deles. E vai ser *nesses pique*.

Mas a *favela venceu* não fico só nos modelos esportivos populares, a gente foi se apropriando de outras marcas, marcas que nem tínhamos representatividade, a moda *casual de luxo*²⁰, que era compartilhada entre a classe média; médicos, dentistas, advogados etc, passou a fazer farte do armário da favela, Lacoste, Calvin Klein e Okley, passaram a ser ostentados pelo Funk ostentação e músicas de rap, fazendo parte do nosso kit. Nessa questão da cooptação ou apropriação, em agosto de 2021, a Lacoste Brasil fez uma campanha publicitária com os dizeres “colocando o clássico e o atual lado a lado pelo mundo, agora com um toque brasileiro”, colocando a diversidade e a juventude como um paradigma da Lacoste, mas o detalhe é que no Brasil músicos de funk e rap exaltam a marca há muito tempo, sendo eles de fato que colocaram essa marca no mercado mais popular, isso fez com a comunidade de artistas se revoltasse contra a marca. É claro que a Lacoste tinha conhecimento desses artistas, mas ela não queria se vincular com a periferia, mas devido à pressão que a comunidade artística periférica fez, em poucas semanas a marca fechou contratos de patrocínio com diferentes artistas renomados da cena.

“De Kenner

Os cria da VIP vai de Kenner

Nove em dez no baile tão de camisa do Messi

Cyclone, bigodin finin', corrente Juliet

²⁰ Parte da composição da música do artista MD Chefe “Rei Lacoste”: “*Moda casual de luxo, 'to chique, confortável, No estilo tchutchuco, Rei Lacoste, indomável, Moda casual de luxo, 'to chique, confortável, No estilo tchutchuco, Rei Lacoste, indomável, Regular fit, jacaré bordado, camisa apertada, Preto chique acostumado a usar grife, chei' de marra.*”

Da mesma cor pra combinar com o Kenner

(FBC e VHOOR De Kenner)

No apropriamos das marcas, tornamos o que era deles, nosso.

Nos fizeram falar o idioma que não era nosso,

e nós falamos do nosso jeito.

Nos tiraram as roupas, e nos vestiram com a deles,

mas nós vestimos do nosso jeito.

Jogamos o esporte dele,

mas nós jogamos do nosso jeito,

O MELHOR JEITO.

E a música é nossa, nunca foi deles, sempre foi no *nosso pique*, no *nosso toque*, no *nosso balancê*.

7. Do Repique do Samba

Fomos desapropriados do nosso território, tiraram a nossa identidade, nos reduziram a um conceito mínimo de raça –

“[...] raça é uma das matérias-primas com as quais se fabrica a diferença e o excedente, isto é, uma espécie de vida que pode ser desperdiçada ou dispendida sem reservas. [...] É o que autoriza a situarem meio a categorias abstratas, aqueles que se procura estigmatizar, desqualificar moralmente e, eventualmente internar ou expulsar.”

(Mbembe, 2018, p.73-74)

Mas houve um canto que entou por gerações, um ritmo que demarcou o nosso território, sendo assim o samba uma forma da *Baobá*²¹, a continuação das suas raízes que liga gerações através do tempo e do espaço. Conseguimos nos apropriar das coisas que pertencem a esse espaço colonizado, e assim construir a nossa própria identidade, que é dúbia, contraditória, porém carrega em si um *ritmo* que é nosso, que se apresenta em tudo que nós apropriamos, afinal, *eu sou o samba*. Há um samba para os encontros em família, há um samba para diversos momentos na infância, há um *samba* para cada partida de futebol, há um *samba* para cada jogada ensaiada, há um *samba* em cada sujeito, há um *samba* para o samba, e nos lugares que não há *samba*, chegaremos lá, e um dia haverá de ter.

Ai meu deus...

Como agradeço por nascer

O samba é minha raiz,

Minha herança meu viver

²¹ Uma árvore milenar africana, que é vista como sagrada por religiões de matriz africana. Foi trazida algumas sementes dela para o Brasil pelo povo africano em diáspora. Está presente em diversos mitos religiosos, assumindo diversas formas.

Me consola a beleza
 Que ninguém deseja achar
 Me guia na minha incerteza
 Não me deixa tropeçar
 (Dona Ivone Lara)

O samba é escola, o samba é arte e conhecimento, o samba é um território e um paradigma, entenda o *samba* como o samba, ou pode entender como cultura afro-brasileira, ou como resistência, ou como a revolução, ou como a própria negritude. Mas podemos dizer que o samba é uma força que nos deu identidade, que nos permitiu apropriarmos de outras coisas, sem perder o nosso *balancê*. Uma identidade que acaba sendo dúbia e contraditória, mas isso se deve mais a branquitude do que o nosso processo de apropriação, uma vez que ainda penduramos nossos quadros em um museu branco. Por isso se deve ir além da apropriação, se deve **DESAPROPRIAR** as coisas. Porque construir um novo museu, se tem um logo ali?

A branquitude é um lugar perverso, ele serve apenas para manter os brancos no mesmo lugar que sempre estiveram. Ainda donos dos clubes de futebol, ainda dono das marcas que muitas pessoas negras consomem, ainda donos das telecomunicações, e ainda possuem a fala como lugar de razão. A branquitude deve ser constrangida; “*Vergonha que tu ta falando em alemão aqui na aula!*” “*Como assim não conhece nenhum autor negro nesse campo de pesquisa?*” “*Sério? Tu só trabalha com autor europeu?*”. E é *nesses pique*.

Do pique de jogador, ao repique do Samba,

Faço do meu caminhar, um desfile
 Faço das ruas o meu campo
 Tô querendo sempre jogo
 A marcação é pesada, neah?

Tão batendo sempre forte no tantã

A marcação é pesada neah?

Tão batendo sempre muito na gente

O juiz não dá um falta,

É tipo o tinga, sofre o pênalti é ainda é expulso

Mas é nesses pique, os negão são brabo, a gente ainda vai ser campeão

Não tem que baixar a bola não

Segura firme no pagode

Aqui só joga camisa 10

Aqui é só tapa pro lado

Tapa pro outro

Só na condução

Levada de malandro

Cuidado pra não leva tapa dos homi

O juiz não vai dar a falta pra nós

Mas hey, olha pra mim?

Tô bem, tô na estica, olha o naipe !

Mesmo sempre marcado,

Tô marcando gol

Tô fazendo as minhas marcas

O que marcaram em mim

Tô pegando pra mim

Nóis é isso ou aquilo,

Já dizia o Mano Brown,

Que ironia neah?

Mas tamo indo nesses pique

Temo camisa 9 pesado também

Gosta de jogar com a marcação pesada

Joga na área que é gol,

É Umbabarauma e Nino

É gol

É cada pintura

É cada obra de arte

É cada quadro eterno

E eu agradeço a todos os artistas que pintaram a nossa história

Eu agradeço a todos

Do fundo do nosso quintal.

FIM.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HAESBAERT, Rogério & BRUCE, Glauco (2009). **A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari**, 4(7). 7-22. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2002.v4i7.a13419>

NOGUEIRA, Renato. (2019) **Antes de saber onde vai é preciso saber quem você é: tecnologia griot, filosofia e educação**. *Problemata: R. Intern. Fil.* 10. N.2(2019), p. 258-277. <http://dx.doi.org/10.7443/problemata>.

EVARISTO, Conceição. (2018). **Becos da Memória**. Editora Pallas. Rio de Janeiro.

SANTOS, José Antônio dos. (2018) **Liga da Canela Preta: A História do Negro no Futebol**. Editora Diadorim. Porto Alegre.

MBEMBE, Achille. (2018). **Crítica da Razão Negra**. Traduzido por Sebastião Nascimento. N-1 Edições. São Paulo.

GONZALEZ, Lélia. (2020). **Por Um Feminismo Afro-latino-americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Editora Zahar. Rio de Janeiro.

FANON, Frantz. (2008). **Pele Negra Máscaras Brancas**. Editora Edufba. Salvador.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. (2010). **O Anti-Édipo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Editora 34. São Paulo.

SOUZA, Neusa dos Santos. (1983). **Tornar-se Negro: As Vicissitudes Da Identidade Do Negro Brasileiro Em Ascensão Social**. Editora Graal. Rio de Janeiro.

NASCIMENTO, Abdias dos. (1980). **O Quilombismo: Documentos de Uma Militância Pan-Africanista**. Editora Vozes. Petrópolis.

SODRÉ, Muniz. (2002). **O Terreiro e a Cidade: a forma social negro/brasileira**. Rio de Janeiro: Imago Ed: Salvador, BA. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

PADEIRO, Carlos. **Psicólogo considerou Pelé "infantil" e sugeriu que ele fosse cortado em 58.** <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/esporte-ponto-final/2018/06/29/historias-de-58-garrincha-namorado-e-psicologo-quis-barrar-pele.htm>. Acessado em 21 de abril de 2022.

COMO UM caso de amor. Intérprete: arlindo cruz. In: BATUQUES e Romances. Intérprete: arlindo cruz. [S. l.]: sony music entertainment, 2011

FUNDO DE QUINTAL, Grupo. **A batucadas dos nossos tantãs. Álbum: A batucadas dos nossos tantãs.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jphs2iNTdQQ> 3:18. Acessado em : 22 de abril de 2022.

BILL, MV. **O preto em movimento. Álbum: Falcão o bagulho é doido.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZI36DBL6GJY>. Acessado em: 22 de abril de 2022.

FUNDO DE QUINTAL, Grupo. **Merece Respeito. Álbum: Grupo Fundo de Quintal e Convidados.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0RQt9gr1Xow>. Acessado em: 22 de abril de 2022.

KÉTI, Zé. **A Voz do Morro. Álbum: Latin Grooves – Samba.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pebcDCvtJKE>. Acessado em: 22 de abril de 2022.

MC'S, Racionais. **Racionais - Coletânea 2013 - Fim de semana no parque.** Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=oSxnR7cERpI>. Acessado em: 22 de abril de 2022.

MC'S, Racionais. **Negro Drama. Álbum: Nada Como Um Dia Após O Outro Dia (Chora Agora).** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u4lcUooNNLY>. Acessado em: 22 de abril de 2022.

DO PAGODE, Turma. **Camisa 10.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oZgYN4qfpl4>. Acessado em: 22 de abril de 2022.

NOBRE, Dudu. **Singelo Menestrel (Ao Vivo) ft. MV Bill. Álbum: Dudu Nobre (Ao Vivo)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-WGthCzKY3U>. Acessado em: 22 de abril de 2022.

BEN JOR, Jorge. **Filho Maravilha. Álbum: Filho Maravilha**. <https://www.youtube.com/watch?v=UKZKNPmJpd0>. Acessado em: 22 de abril de 2022.

BEN JOR, Jorge. **Ponta de Lança Africana. Álbum: África Brasil**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kk3Bci3jVBs>. Acessado em: 22 de abril de 2022.

MC'S, Racionais. **Estilo Cachorro. Álbum: Nada Como Um Dia Após O Outro Dia (Ri Depois)**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=q_xeCu3P9hU. Acessado em: 22 de abril de 2022.

IVONE LARA, Dona. **Samba, minha raiz. Álbum: Samba, minha verdade, minha raiz**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lodEZP8TOmc>. Acessado em: 22 de abril de 2022.

CHEFE, MD. **MD Chefe ft. DomLaike Rei Lacoste**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=A_Y0qdWVPgg. Acessado em: 22 de abril de 2022.

FBC & VHOOR. **De Kenner. Álbum: Baile**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SO26V3nWqWA>. Acessado em: 22 de abril de 2022.